Open Access

DOI: https://doi.org/10.47456/en.v15i2.47384

ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 15 - N. 02 ISSN 2179 - 3441

O perfilamento racial em Nietzsche*

*Nietzsche's racial profiling***

James Winchester
Professor de Filosofia no Department of Philosophy, Religion, and Liberal Studies da Georgia College and State University. E-mail: james.winchester@gcsu.edu

Resumo: Este artigo tem como objetivo mapear as diferentes noções de raça que Nietzsche emprega em sua obra. Examino suas diferentes definições do termo e se ele tem, segundo Nietzsche, alguma utilidade nas batalhas culturais nas quais a filosofia deve se engajar. Embora eu inicie com um breve comentário das ocorrências do conceito em suas obras do período inicial e intermediário, concentro-me nos últimos escritos publicados por Nietzsche, nos quais seu interesse pela raça aumenta drasticamente. Esse interesse crescente pela raça está ligado à virada fisiológica na década de 1880 e à sua agenda normativa tardia, que segue o pensamento racial de sua época ao insistir que o cultivo seletivo é essencial para o aprimoramento humano. Nos últimos cinco anos de sua vida produtiva, Nietzsche afirmou reiteradamente que o pensamento é um produto da fisiologia. A raça e a fisiologia determinam o pensamento, e o pensamento europeu está em crise. A solução de Nietzsche é cultivar uma nova raça europeia (embora às vezes ele fale de classe em vez de raça). Para que um tal projeto de cultivo seja bem-sucedido, ele argumenta que é preciso primeiramente demolir os mitos raciais autocongratulatórios da época (como a pureza de uma suposta raça alemã, a inferioridade dos judeus e coisas do gênero). Portanto, embora Nietzsche despreze grande parte do pensamento racial predominante em sua época, ele jamais abandona a ideia de que o cultivo seletivo de seres humanos não somente é possível, como desejável.

Palavras-chave: Raça. Racismo. Cultivo seletivo. Europa. Fisiologia. Classe. Judeus.

Abstract: This paper aims to map the different notions of race Nietzsche employs throughout his oeuvre. I examine his varying definitions of the term and whether it has, according to Nietzsche, any use in the cultural battles in which philosophy should be engaged. Although I begin by tracing the occurrences of the concept in his early and middle-period works, I concentrate on Nietzsche's

* Tradução de Vagner Acácio de Oliveira (Doutorando Filosofia/UFMG). Revisão técnica de Rogério Lopes (Professor associado no Departamento de Filosofia/UFMG).

** O presente artigo foi publicado originalmente em WINCHESTER, James. 'Nietzsche's Racial Profiling', como um capítulo do volume coletivo organizado por Andrew Valls e intitulado *Race and Racism in Modem Philosophy* 2005, pp. 255-276, publicada pela Cornell University Press (Copyright (c) 2005 by Cornell University). Nossos mais sinceros agradecimentos ao professor James Winchester, por ter muito gentilmente se disposto a colaborar com o presente dossiê e por ter mediado as tratativas para a obtenção dos direitos de publicação desta tradução em português. Agradecemos também à Cornell University Press, na pessoa de Tonya Cook. (Nota do editor convidado)

later published writings, where his interest in race increases dramatically. This growing interest in race is linked to the physiological turn in the 1880s and to his late normative agenda, which follows the racial thinking of his day by insisting that breeding is essential to human development. In the last five years of his productive life, Nietzsche repeatedly claimed that thought is the product of physiology. Race and physiology determine thought, and European thought is in crisis. Nietzsche's solution is to breed a new European race (although sometimes he writes of class as opposed to race), but in order to carry out a successful breeding project he argues it is first necessary to undermine the self-congratulatory racial myths of the time (such as the purity of an alleged German Race, the inferiority of the Jews and the like). So, even while Nietzsche scorns much of the racial thinking that predominates in his day, he never gives up the notion that the breeding of humans is not only possible but desirable.

Keywords: Race. Racism. Breeding. Europe. Physiology. Class. Jews.

Perguntar se Nietzsche é ou não racista é impor uma questão contemporânea a um pensador que está morto há mais de cem anos. Desde que nos lembremos de que esta é uma questão nossa e não tentemos forçar Nietzsche a assumir uma posição contemporânea, penso que podemos aprender muito – tanto sobre Nietzsche como sobre nós mesmos – ao colocá-la. Não há dúvida de que Nietzsche se interessou bastante pelo conceito de raça[1]. A palavra aparece mais de duzentas vezes na edição Colli-Montinari de sua obra[2]. Também aparece frequentemente nas suas cartas. Mas a discussão frequente não implica que Nietzsche tenha uma teoria racial inequívoca. Como costuma acontecer em sua obra, Nietzsche não fixa uma definição cabal [de raça]. Ao contrário de Kant, que se esforçou para encontrar um significado único para o termo, Nietzsche explora diferentes definições de raça e expressa atitudes muito distintas em relação à questão se o termo teria afinal algum significado[3]. Não tentarei abarcar os vários usos do termo por Nietzsche em uma síntese excessivamente homogeneizada e artificial. Irei me concentrar nos escritos publicados por Nietzsche em sua fase de maturidade, desde *Além do bem e do mal* até *Ecce Homo*, onde o conceito é discutido mais extensivamente. Veremos que a sua profunda repulsa pelo racismo antissemita o leva a rejeitar muitos dos preconceitos do século XIX

[1] Nietzsche usa com muita frequência o termo raça, mas não discute alguns dos mais proeminentes teóricos raciais de sua época. Por exemplo, Arthur de Gobineau, famoso pela sua filosofia racista da história, é mencionado apenas uma vez por Nietzsche – numa carta. Seu nome nunca aparece nem nas obras publicadas nem nos *Nachlass*, os cadernos que Nietzsche não preparou para publicação. Para uma discussão detalhada da relação ou ausência de relação entre Nietzsche e Gobineau, cf. SCHANK, 2000, pp. 226-441. Para um exame recente do tratamento dado por Nietzsche aos judeus, cf. SCOTT, 2003, pp. 53-73.

[2]Na maioria dos casos consultei traduções existentes em inglês. Admiro muito as traduções de Walter Kaufmann e a nova tradução (1997) de Richard Polk de *Twilight of the Idols*. As traduções, no entanto, são, em sua maior parte, de minha autoria, baseadas na *Sämtliche Werke Kritische Studienausgabe* (1980). Todas as citações do *Nachlass* são desta edição, e todas as traduções do *Nachlass* são de minha autoria.

[3] Para uma tradução [em inglês] do ensaio mais importante de Kant sobre raça, cf. 2000, pp. 08-22. Para a tradução brasileira do ensaio de Kant, cf. 2010, pp. 10-26. Sobre a teoria da raça de Kant, cf. BERNASCONI, 2001, pp. 11-36.

sobre a suposta inferioridade racial dos judeus. Ele não tem muito a dizer sobre os africanos, mas os menciona. A certa altura, ele sugere que a pele negra pode ser um sinal de menor inteligência, bem como um sinal de que alguém está mais próximo dos macacos (A 241). Nietzsche partilha claramente alguns dos princípios básicos da teoria racial do século XIX. Ele escreve, por exemplo, que a raça pode ser determinada pela cor do cabelo e da pele, bem como pela medida do crânio[4]. Embora não seja o racista que alguns afirmam que ele é, Nietzsche por vezes adota parte do pensamento sobre raça que prevalecia em sua época, mas que agora é amplamente questionado.

Algumas das descrições de raças em Nietzsche, no entanto, vão contra a opinião dominante. Ele não exalta as raças que eram comumente exaltadas pelos racistas da sua época e rejeita as opiniões predominantes sobre a conveniência da pureza racial. Como veremos, ele aconselha os alemães a misturarem-se com os judeus. Ele afirma que os alemães não são uma raça forte ou pura. Nietzsche elogia certos projetos de cultivo seletivo do passado e sugere que somente com um cultivo seletivo adequado os povos serão capazes de florescer. Contudo, às vezes Nietzsche sugere que o seu próprio discurso sobre raça e cultivo seletivo racial é tolo.

Antes de passar ao cerne da discussão, explicarei brevemente meu uso das anotações de Nietzsche. Além das obras que publicou ou preparou para publicação, Nietzsche escreveu extensas notas que ele próprio nunca publicou[5]. Seis volumes do *Kritische Studienausgabe,* editado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, são inteiramente dedicados a essas notas. Há, na verdade, muito mais páginas de anotações do que de obras publicadas pelo próprio Nietzsche. Algumas destas notas foram editadas num volume intitulado *A vontade de Poder* (publicado pela primeira vez em 1901, mas publicado numa segunda versão significativamente ampliada em 1906) sob a supervisão da irmã de Nietzsche. Tendo em vista os padrões de edição atuais, *A Vontade de Poder é*, na melhor das hipóteses, arbitrária. Ela mescla, por exemplo, passagens escritas em épocas muito diferentes. Também inclui uma porcentagem muito pequena em comparação com o que está contido nos cadernos de notas[6]. No que se segue,

[4] Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche escreve que em toda a Europa a raça subjugada está gradualmente reassumindo a predominância. Isso pode ser observado, acredita Nietzsche, considerando-se a cor, o tamanho reduzido do crânio e "talvez nos instintos intelectuais e sociais" (GM I 5).

[5] Nietzsche não publicou *O Anticristo*, *Ecce Homo* e *Nietzsche contra Wagner.* Ele sofreu o colapso mental antes que tivesse tempo de realizar este intento, mas como esses manuscritos estavam prontos para serem publicados e Nietzsche parecia ter toda a intenção de fazê-lo, confiro a eles o mesmo tratamento que confiro s às obras que o próprio Nietzsche publicou. Para uma discussão mais aprofundada sobre minha compreensão do *Nachlass*, cf. meu WINCHESTER, 1994, p. 27.

[6] Sobre os problemas com *The Will to Power*, cf. KLEIN, 1997, pp. 181-97; MAGNUS, 1988, pp. 218-235; MONTINARI, 1982.

estou interessado, em primeiro lugar, no modo como Nietzsche compreendia suas próprias posições. É claro que os textos muitas vezes vão além das intenções do autor, e por isso estou também muito interessado em saber como as obras publicadas por Nietzsche podem apresentar pontos de vista que ultrapassam ou contrastam com sua autocompreensão. As notas podem ser muito úteis, mas escreverei principalmente sobre as obras que o próprio Nietzsche publicou ou preparou para publicação. Nietzsche costumava usar seus cadernos de notas para experimentos de pensamento. Nietzsche publicou muito – preparou quatro livros para publicação durante seu último ano produtivo. Ele teve muitas ocasiões para publicar as passagens que considerava importantes. Se optou por não publicar algo, pode muito bem ser porque ele estava de alguma forma insatisfeito com o que anotou. Nietzsche pode ter decidido que não acreditava em muito do que estava nas notas. Citarei frequentemente as notas, mas construirei a minha interpretação da concepção nietzschiana de raça (a sua autocompreensão e aquilo que está contido nos escritos publicados, mas que vai além da sua autocompreensão) com base principalmente no que o próprio Nietzsche publicou ou preparou para publicação.

Os Primeiros comentários de Nietzsche sobre raça

Nas primeiras obras de Nietzsche existem apenas algumas discussões sobre raça. A palavra não é usada em sua primeira obra publicada, *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, embora apareça em um rascunho para uma introdução revisada desse livro[7]. Aparece duas vezes em seu segundo livro, *Considerações Extemporâneas*, mas em ambos os casos Nietzsche apenas cita outra pessoa e não analisa de todo o conceito (DS 12)[8]. Em um dos seus *Cinco Prefácios Para Cinco Livros Não Escritos*, Nietzsche utiliza a palavra fora de uma citação. Estes prefácios, escritos depois de *O Nascimento da Tragédia,* não foram publicados durante a vida de Nietzsche, nem as próprias obras a que se referiam foram escritas. No terceiro prefácio, *O Estado grego*, ele escreve que deveríamos reconhecer a verdade cruel de que a escravidão pertence à essência da cultura. Ele escreve que a miséria de alguns deve aumentar para que alguns homens olímpicos possam produzir a grande arte. É esta verdade que faz com que os comunistas e socialistas e os seus "pálidos descendentes, a raça branca dos

[7] Este rascunho não publicado foi escrito em 1871. Na tradução de Kaufmann de *O Nascimento da Tragédia* 2, a palavra "raça" aparece, mas é a tradução da palavra alemã *Gattung*. Na seção 3, Kaufmann traduz *Eintagsgeschlecht* como "raça efêmera" (Cf. NIETZSCHE, 1992, pp. 18-20).

[8] Aqui Nietzsche zomba de Strauss por dizer que é por causa da vontade de Deus que as pessoas são divididas em raças. Nietzsche diz que é óbvio que Strauss apenas se apropriou deste enunciado banal. Na terceira extemporânea, *Schopenhauer como Educador*, seção 3, Nietzsche cita Walter Bagehot. Bagehot escreve que "Um Shelley não poderia ter vivido na Inglaterra, e uma raça de Shelley deveria ter sido impossível" (SE 3).

'liberais' de todas as épocas", sejam contra a arte e contra a civilização clássica (CP, O estado grego). Em 1872, este elogio à escravatura teria soado tão estranho para grande parte do seu público como soa para nós hoje. Ao mesmo tempo, Nietzsche confunde aqueles que acreditam que a raça branca deveria dominar as raças mais escuras. Os brancos claramente não são vistos como superiores nesta declaração[9]. Há dois pontos importantes aqui. Em primeiro lugar, como veremos, esta não é a última vez que Nietzsche afirma que a escravatura é essencial para a grande cultura. Nietzsche decididamente não é um liberal. Ele acredita que grandes civilizações exigem escravidão. Em segundo lugar, embora Nietzsche em dois lugares fale dos negros como próximos dos animais e primitivos, não quer dizer que ele sempre exalte a branquitude (A 241; GM II 7).

Em seu terceiro livro, *Humano, demasiado humano*, publicado em 1878, há cinco referências à raça. Na maior parte, elas ecoam temas que podem ser encontrados nos escritos tardios de Nietzsche. Por exemplo, ele escreve que a simpatia, assim como a ajuda aos outros, leva ao declínio dos indivíduos e das raças (HH I 45). Noutro lugar, ele explica como o progresso de um homem ou de uma raça não pode ser reduzido à mera luta pela existência (HH I 224). A discussão mais prolongada sobre raça em *Humano, demasiado humano* é o aforismo 475. Ele também tem claras ligações com as discussões posteriores de Nietzsche. Aqui Nietzsche argumenta que o Estado-nação europeu se enfraquece à medida que as comunicações e as viagens se tornam mais fáceis. Quanto mais as pessoas viajam, mais se desenvolve uma raça mista de europeus. O Estado-nação é uma construção artificial e ele aplaude sua dissolução. Nietzsche acredita que os judeus têm um papel importante a desempenhar no engendramento (*erzeugen*) de uma poderosa raça europeia. Os judeus são tão úteis como qualquer outra raça europeia na produção da nova raça europeia, talvez até mais úteis. Nietzsche argumenta que os judeus são mais inteligentes e mais enérgicos do que a maioria das outras raças europeias. Cada nação e cada indivíduo têm características desagradáveis, e é perverso exigir que os Judeus sejam uma exceção a esta regra. Nietzsche escreve:

> [...] talvez o jovem especulador da Bolsa judeu (jugendliche Börsen-Jude) seja a invenção mais repugnante da espécie humana. Apesar disso gostaria de saber o quanto, num balanço geral, devemos revelar num povo que, não sem a culpa de todos nós, teve a mais sofrida história entre todos os povos, e ao qual devemos o mais nobre do homens

[9] Em notas nunca publicadas pelo próprio Nietzsche, escritas no mesmo período, ele também escreve sobre a pálida raça branca de forma depreciativa. Nestas notas há uma intitulada "Fragment of an expanded version of 'The Birth of Tragedy". Aqui Nietzsche faz a mesma afirmação sobre comunistas, socialistas e seus pálidos descendentes (FP 1871, 10[1]).

> (Cristo), o mais puro dos sábios (Spinoza), o mais poderoso dos livros e a lei moral mais eficaz do mundo (HH I 475)[10].

Ele prossegue dizendo que os judeus mantiveram a bandeira do iluminismo nos momentos mais sombrios, quando a Ásia ameaçava a Europa. O Cristianismo tentou orientalizar a Europa, mas o Judaísmo ajudou a ocidentalizar novamente a Europa – o que significa que a tarefa da Europa é continuar o que os Gregos começaram. Nietzsche não fornece aqui nenhuma pista sobre a razão pela qual considera os jovens judeus do mercado de ações tão repulsivos, mas acredito que isso pode ter algo a ver com os estereótipos predominantes em torno dos judeus e do dinheiro. É evidente que ele não considera os judeus, como raça, menos valiosos do que outras raças. Na verdade, ele argumenta que eles são uma raça superior em muitos aspectos. Como veremos, sua crença de que os judeus são um elemento importante na mistura das raças europeias é um refrão que será repetido até os últimos escritos de Nietzsche. Também veremos, novamente, a afirmação de que os Judeus são mais racionais do que outros Europeus. A noção de que os europeus devem assumir a tarefa de cultivar seletivamente uma raça europeia superior também é repetida na obra tardia. A avaliação que Nietzsche faz dos judeus é ainda mais notável dado o preconceito que prevalecia na Alemanha da época. Os judeus obtiveram cidadania plena no Reich alemão em 1871, mas aos que não se converteram ao cristianismo foram frequentemente negados cargos no serviço público, cátedras universitárias e comissões militares (cf. FREDRICKSON, 2002, p. 77).

Uma análise do cultivo seletivo (breeding) também é encontrada na última discussão de Nietzsche sobre raça em *Humano, demasiado humano*. Ele escreve que o dinheiro é a origem do *Geblütsadel* (sangue nobre) (HH I 479). É o dinheiro que permite aos homens escolher as mulheres mais atraentes e contratar os melhores professores. Também permite um tempo para exercícios e liberação do trabalho duro. Embora esta afirmação não se encontre formulada exatamente nesses termos nas obras tardias, há ecos dela. Como veremos, o último Nietzsche enfatiza que a beleza nos humanos não é um acidente, mas deve ser cultivada por um rigoroso processo de cultivo seletivo que abrange várias gerações. Ele dará dois exemplos – Atenas na época de Cícero e a França do século XVII – que produziram pessoas bonitas como o resultado de um esforço de cultivo seletivo, que se manteve firme e se sustentou ao longo de várias gerações (CI IX 47).

No livro seguinte de Nietzsche, *Aurora*, publicado em 1881, a raça é explicitamente discutida em apenas dois lugares. Num aforismo intitulado *A*

[10] Há uma seção dos cadernos de notas, escrita na primavera de 1880, que ecoa esse elogio ao Judaísmo. Nietzsche escreve "que os judeus, entre todas as nações, elevaram a sublimidade moral ao mais alto nível" (FP 1880, 3[103]).

Purificação da Raça, ele argumenta que não existem raças puras, mas apenas raças que se tornaram puras, e este processo de purificação ocorreu apenas em alguns casos (A 272). Raças que são mestiças produzem formas corporais e hábitos desarmônicos. A princípio, o processo de purificação de uma raça pode parecer o empobrecimento dessa raça, mas uma vez concluído o processo de purificação, a raça se tornará mais poderosa. Todo o poder que antes era utilizado na luta entre as qualidades desarmônicas estará agora à disposição da raça. Os gregos são um exemplo de raça que se tornou pura, e Nietzsche espera que um dia exista uma raça e uma cultura europeias puras.

Esta afirmação de que os gregos são uma raça que se tornou pura é expandida no *Nachlass*. Numa nota da primavera ou verão de 1875, Nietzsche escreve que os gregos são uma combinação de muitos povos diferentes. Ele menciona especificamente mongóis, semitas e trácios. Os gregos têm tudo isso no sangue e também herdaram os deuses e os mitos desses povos (FP 1875, 5[198]). Em outro lugar das notas, mais ou menos na mesma época, ele endossa o projeto de mistura racial, mas desta vez ele quer misturar a tranquilidade asiática com a inquietação americana e europeia. Essa mistura resolveria o quebra-cabeça do mundo. Os espíritos livres deveriam assumir como missão livrar-se de tudo o que impede uma "fusão da humanidade" (*Verschmelzung der Menschen*), como o instinto de monarquia, as ilusões de riqueza e pobreza, e os preconceitos de saúde e raça (FP 1876, 17[55]). Este projeto de um cultivo seletivo – a mistura de asiáticos, americanos e europeus – nunca mais é mencionado, mas Nietzsche nunca abandona a noção de que um cultivo seletivo adequado é essencial para o florescimento humano.

O primeiro uso da palavra raça em *Aurora* também ilustra a rejeição por Nietzsche do nacionalismo e daquilo que ele chama de preconceito racial. Nietzsche escreve que o que permitiu a propagação do Cristianismo não foi o seu carácter especificamente cristão, mas a natureza pagã universal dos seus costumes (A 70). A ideias cristãs estão enraizadas no pensamento judaico e helenístico e "desde o princípio souberam erguer-se acima de particularidades e sutilezas nacionais e raciais, como que acima de preconceitos" (A 70). Nietzsche raramente tem algo positivo a dizer sobre o Cristianismo, e esta seção termina com a afirmação de que o Cristianismo foi capaz de incorporar todos esses diferentes elementos apenas por causa de sua "espantosa crueza e moderação de seu intelecto na época da formação da igreja" (A 70).

É evidente que Nietzsche é muitas vezes menos modesto que o Cristianismo. Ele não tem receio, como escreve em outros lugares, de rejeitar culturas inteiras. Nietzsche rejeita consistentemente o que chama de nacionalismo estreito e preconceito racial, mas não deixa de criticar as culturas. Na sua opinião, o que separa a sua crítica do pobre de espírito é que ele não está

apenas seguindo o rebanho. Outros sucumbiram aos preconceitos nacionais ou raciais típicos da época, mas Nietzsche acredita ser um pensador livre. É claro que esta é uma das coisas que mais nos interessa hoje, a saber, até que ponto Nietzsche escapou dos estereótipos raciais da sua época. Em sua *Genealogia da Moral* (uma passagem que discutirei com mais detalhes daqui a pouco), Nietzsche escreve que os negros são representantes de homens pré-históricos, capazes de suportar uma dor que levaria ao desespero o europeu mais robusto (GM II 7). Nietzsche parece ter tido a intenção de que isso fosse um elogio, mas hoje a maioria veria esta afirmação sobre os africanos como um preconceito. Quem hoje defenderia a afirmação de que os negros sentem dor de forma menos aguda do que os brancos, especialmente tendo em conta que tal caracterização poderia ser usada para justificar a escravização e os maus-tratos de pessoas negras? Veremos também que, embora Nietzsche frequentemente despreze o antissemitismo, ele algumas vezes faz uso de preconceitos tipicamente antissemitas, como é o caso de que os judeus da Polônia cheiram mal ou, como já vimos e veremos novamente, de que os judeus são particularmente bons em ganhar dinheiro. Talvez o mais importante seja que Nietzsche segue o pensamento racial da sua época, insistindo que o cultivo seletivo é essencial para o desenvolvimento humano. Em 1881, numa passagem do *Nachlass*, Nietzsche pergunta: por que não criar os homens da mesma forma que os chineses criam árvores que têm peras, de um lado, e rosas do outro? Nietzsche espera que um cuidadoso cultivo seletivo seja capaz de acabar com "a tolice das raças, as guerras raciais, a febre nacional e o ciúme pessoal" (FP 1881, 11[276]). Esta breve nota ilustra que, ao mesmo tempo em que questiona a validade da noção de raça, ele também argumenta que o cultivo seletivo de pessoas é possível e pode render bons resultados. Embora Nietzsche despreze grande parte do pensamento racial que predomina na sua época, ele nunca desiste da noção de que um cultivo seletivo de seres humanos não é apenas possível, mas desejável.

O trabalho seguinte de Nietzsche, *A Gaia Ciência*, foi publicado pela primeira vez em 1882, ou seja, logo após *Aurora*. Tal como *Autora*, esta primeira edição de *A Gaia ciência* contém apenas duas referências ao conceito de raça (GC 10; 40). Em 1887, Nietzsche publicou uma nova edição de *A Gaia ciência*, e nas novas seções a raça é discutida extensamente. Durante a década de 1880, o interesse de Nietzsche pela raça aumentou dramaticamente. Este crescente interesse é visto não apenas nos seus escritos publicados, mas também nos cadernos de notas[11]. Perto do final da segunda edição de *A Gaia ciência*, Nietzsche continua a endossar, numa secção intitulada "Nós, os apátridas", a noção de que

[11] De acordo com a tabela publicada por Schank, nos cadernos de 1882 (ou seja, nos cadernos publicados postumamente) há 3 referências ao termo raça; em 1883,1 referência; em 1884, 24 referências; em 1885, 33 referências; em 1886,10 referências; em 1887, 14 referências; e de 1888 a janeiro de 1889, 47 referências (Cf. SCHANK, 2000, pp. 442-451).

a Europa precisa superar o nacionalismo, abraçar uma cultura europeia mais ampla e cultivar uma raça europeia (GC 377). Nietzsche refere-se a si próprio como um apátrida, membro de um pequeno grupo de crianças do futuro. Ele escreve que as crianças do futuro – as apátridas – não são conservadores que querem preservar o passado, nem são liberais que trabalham para trazer o progresso. Elas não endossam as noções de direitos iguais e de sociedade livre. Elas se alegram com o perigo, a guerra e a aventura. Ecoando o seu comentário inicial sobre a escravatura no prefácio ao *Estado grego* (CP, O estado grego), Nietzsche argumenta que um novo tipo de escravatura é necessário – pois toda elevação do tipo humano requer um novo tipo de escravatura[12]. Nietzsche condena enfaticamente a simpatia e o amor pela humanidade. Ao mesmo tempo, os apátridas não são suficientemente alemães para falar de nacionalismo e de ódio racial, externados por pessoas em toda a Europa. Os apátridas são muito misturados para serem capturados pela autocomplacência racial que caracteriza muitos na Alemanha. Os apátridas são bons europeus. Ecoando *Aurora,* §70, Nietzsche afirma que o Cristianismo desempenhou um papel na superação do estreito chauvinismo nacional. Tal como os primeiros cristãos, os apátridas estão dispostos a sacrificar o sangue, a posição social e a pátria. Esta passagem é emblemática para muitos dos trechos em que a raça é usada nos escritos tardios de Nietzsche. O filósofo rejeita o ódio racial que vê na Europa de seu tempo, bem como o que considera uma descabida autocomplacência racial dominante em sua época, mas defende o cultivo seletivo de raças novas e melhores. Nietzsche acredita no cultivo racial seletivo, mas pensa que a maioria dos alemães que falam sobre projetos de cultivo racial estão profundamente enganados sobre a sua própria composição racial e sobre o que seria necessário para melhorar a raça.

O Problema da degeneração racial europeia

O prefácio de *A Gaia ciência*, escrito em 1886, ocupa um lugar central nos escritos de Nietzsche sobre raça. Ele enfatiza a ligação entre a fisiologia e o pensamento, uma ligação que é discutida em todos os escritos publicados de Nietzsche, de 1886 até o fim de sua vida produtiva em 1888. Neste prefácio, Nietzsche pergunta se por trás dos valores mais elevados estariam talvez mal-entendidos sobre o corpo. A metafísica não é o resultado da razão abstrata, mas

[12] Esta noção de que alguns devem ser sacrificados para o aprimoramento de outros também é encontrada nas notas de 1881. Aqui Nietzsche escreve "O novo problema: se uma parte da humanidade deve ser promovida a uma raça superior às custas de outros seres humanos. Cultivo seletivo - …." (FP 1881, 12[10]). A nota sugere que Nietzsche acreditava tanto no sacrifício de alguns para o aprimoramento de outros quanto nano cultivo seletivo de raças superiores, mesmo quando criticava as construções raciais de muitos de seus contemporâneos.

sim o produto da fisiologia. Nietzsche espera por um médico filósofo que investigue a saúde completa (*Gesammt-Gesundheit*) dos povos (*Volk*), das épocas e das raças. Este médico filósofo teria a coragem de investigar a suspeita de Nietzsche de que as "verdades" são, na realidade, o produto da saúde, do crescimento, do poder e da vida. Em outras palavras, nossos pensamentos são realmente um produto da nossa saúde – ou, mais precisamente, nossos pensamentos são o produto da saúde da nossa raça. Nietzsche se torna esse médico em suas últimas obras. Nos últimos cinco anos da sua vida produtiva, ele afirma de forma reiterada que o pensamento é o produto da fisiologia, e muito embora faça frequentemente esta afirmação, as explicações e justificativas para as origens fisiológicas do pensamento nunca são elaboradas com precisão.

Por exemplo, *Além do bem e do mal*, §20 afirma que nosso pensamento é controlado pelas estruturas gramaticais da nossa linguagem. A semelhança nas filosofias indiana, grega e alemã seria o resultado da semelhança da gramática dessas línguas. Mas a gramática das línguas é, por sua vez, determinada, defende Nietzsche, pela raça e pela fisiologia: "o encanto exercido por determinadas funções gramaticais é, em última instância, o encanto de condições raciais e juízos de valor fisiológicos [*fisiologischer Werturtheile und Rasse-Bedingungen*]" (BM 20). Nietzsche prossegue dizendo que isto é suficiente para provar a superficialidade da tese de Locke sobre a origem das ideias. Nossa raça exerce um encanto sobre nosso pensamento ou, ainda mais forte, o pensamento é o produto da fisiologia e da raça. Nas línguas uralo-altaicas, Nietzsche estima que o conceito de sujeito é menos desenvolvido[13]. Esta característica da língua seria, dada a linha de raciocínio de Nietzsche, um resultado da raça de seus falantes. Dadas as diferenças raciais, eles verão o mundo de forma diferente dos povos indo-germânicos ou dos muçulmanos. Nietzsche exige que a psicologia seja baseada na fisiologia (BM 23)[14]. Ele também argumenta que o ritmo de uma língua é baseado na raça e no seu metabolismo (BM 28). O metabolismo dos alemães é tal que eles são incapazes de *presto*. Tendo respirado o ar seco e refinado de Florença, Maquiavel pode apresentar pensamentos longos, duros e perigosos ao ritmo de um galope. Os alemães, com exceção de Lessing, são simplesmente incapazes de superar o seu metabolismo racial e de escrever no ritmo dos grandes mestres italianos[15].

A raça e a fisiologia determinam o pensamento, e o pensamento europeu está em crise. A solução é o cultivo seletivo de uma nova raça europeia. Em *Além do bem e do mal* § 208 lemos que a Europa sofre de paralisia da vontade. Ela está

[13] Uralo-altaico refere-se às línguas e regiões dos Montes Urais e Altai.
[14] No *Nachlass* Nietzsche parece contradizer esta afirmação. Numa nota escrita mais ou menos na mesma época, Nietzsche afirma que não podemos concluir nada sobre a relação das raças a partir da relação das línguas (Cf. FP 1885-1886, 1[17]).
[15] Lessing também se distingue dos alemães no *Nachlass* (Cf. KSA 11:103).

saturada de um tipo de ceticismo que surge do cruzamento de raças ou classes que estiveram separadas umas das outras por longos períodos de tempo. Não é a mistura racial como tal que causa esse ceticismo, segundo Nietzsche. É antes a mistura repentina de raças que há muito estão separadas umas das outras. A vontade europeia está profundamente doente e *entartet* (degenerada). Segundo Nietzsche, a Europa precisará encontrar uma forma de fortalecer a sua vontade, pois a Rússia possui uma vontade forte e ameaçará a Europa no próximo século. A Europa deve olhar para além das políticas mesquinhas que a consumiram e perceber que estamos na iminência de uma batalha pelo domínio da terra. A Europa deve fortalecer a sua vontade de modo a fazer frente à Rússia, onde a força da vontade foi acumulada por um longo período de tempo.

No aforismo 241 de *Além do bem e do mal*, Nietzsche afirma novamente que o pensamento de uma pessoa é influenciado por sua raça. Na maior parte dos casos, o bom europeu está para além do "patriotismo" – mas por vezes ele ainda pode sentir-se patriótico e demonstrar outros sentimentos patrióticos arcaicos[16]. A capacidade de alguém ir além deste patriotismo depende da velocidade da digestão. O que Nietzsche pode superar em meia hora pode levar meio ano para alguém com um processo digestivo mais lento. Para aqueles que têm um processo digestivo ainda mais lento, pode levar metade da vida. Nietzsche pode imaginar raças que têm um metabolismo tão lento (devemos chamá-las de pântanos da Europa?) que levariam meio século para superarem o seu patriotismo, o seu amor pela terra, para regressarem à razão e tornarem-se bons europeus. Nessa passagem ele afirma mais uma vez que a fisiologia está na origem do pensamento, e que a fisiologia está enraizada na raça. Esta prática de procurar explicações psicológicas na fisiologia e de vincular a fisiologia à raça permanece na seção seguinte, onde Nietzsche escreve que existe um processo fisiológico subjacente ao movimento democrático na Europa. À medida que os europeus se distanciam cada vez mais das condições físicas sob as quais as raças europeias se originaram, tornam-se mais supranacionais e nômades (BM 242). Este processo está conduzindo à criação de um europeu que é basicamente um animal de rebanho – os europeus estão se tornando trabalhadores, a democratização da Europa está realmente preparando os europeus para a escravatura, ou seja, está preparando os europeus para serem tiranizados pelos fortes.

Na *Genealogia da moral*, raça e fisiologia desempenham um papel importante na determinação dos valores morais. Nietzsche escreve que a filosofia, a fisiologia e a medicina devem trabalhar juntas para descobrir as origens dos valores morais. Precisamos perguntar qual é o valor de cada tábua

[16] Não utilizo aqui uma linguagem inclusiva de gênero porque acredito que, para Nietzsche, todos os bons europeus serão homens.

de valores morais. Algo pode ter valor ao permitir a sobrevivência de uma raça; esta avaliação seria diferente daquela de uma moralidade que favorece a sobrevivência de alguns indivíduos mais fortes (GM I 17). Nietzsche fala aqui com entusiasmo da "besta loira" ou animal de rapina. Esta criatura selvagem irrompe de tempos em tempos. Como exemplos, Nietzsche cita a nobreza romana, árabe, germânica e japonesa, os heróis homéricos e os vikings escandinavos. Estes são homens que não se importam com a segurança, mas deleitam-se com o perigo e a crueldade. Na segunda dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche sugere que os negros são humanos pré-históricos (*vorgeschichtlichen Menschen*) e os elogia por sua capacidade de suportar a dor. O argumento nessa passagem é que as pessoas eram muito mais alegres quando não se envergonhavam de seu instinto de crueldade. A má consciência que se desenvolveu no Ocidente é realmente um sinal do declínio do homem. As "mulherzinhas cultas e histéricas" contemporâneas (*einzigen hysterischen Bildungs-Weibchens*) sofrem, numa única noite de dor, mais do que todos os animais que foram interrogados com um bisturi para fins de experiências científicas. William Preston usa esta passagem para afirmar que Nietzsche é um racista cruel, e há de fato muitas ocorrências que apoiam esta afirmação (PRESTON, 1997, p. 169). Preston sustenta ainda que Nietzsche equipara os negros a animais de laboratório, que para ele teriam tão pouco valor que os homens distintos não extrairiam sequer muito prazer em oprimi-los. Como já vimos, Nietzsche afirma claramente que a crueldade é essencial para toda cultura "superior". Mas a capacidade de suportar a dor é para Nietzsche uma característica nobre. Os negros parecem ser como as bestas loiras – nobres humanos pré-históricos que apontam as profundezas em que caiu o homem moderno. Um pouco mais adiante, Nietzsche elogia a besta loira como o conquistador violento que sabe como cravar suas garras numa população dócil (GM II 17). A má consciência se desenvolve nas massas que a besta loira ataca, mas não na própria besta loira. Nietzsche elogia a crueldade de forma reiterada, mas é a capacidade de sofrer e infligir sofrimento sem má consciência que torna os negros e as bestas loiras mais nobres do que os homens contemporâneos.

Na terceira dissertação, ele sugere que a difusão do cristianismo é, em parte, uma consequência dos problemas associados à mistura racial. O Cristianismo se espalhou devido à sua capacidade de acalmar "a tristeza sombria dos fisiologicamente travados" (GM III 17). Nietzsche escreve que ocasionalmente um sentimento de inibição fisiológica afeta um grande número de pessoas. Existem muitas causas possíveis para isso, mas uma delas é a mistura de raças ou classes (*Stände*) que são muito diferentes umas das outras. Em um comentário muito interessante, Nietzsche explica por que equipara aqui classes e raças: "classes sempre expressam também diferenças de origem ou de raças: o *Weltschmerz* [dor do mundo] europeus, o "pessimismo" do século XIX,

é essencialmente resultado de uma mistura de classes absurdamente súbita" (GM III 17). Em outras palavras, Nietzsche afirma que as classes têm sua origem nas raças. Além disso, a mistura de raças muitos diferentes criou condições fisiológicas que levaram à ascensão do Cristianismo[17]. O Cristianismo é o resultado de um declínio racial e fisiológico. Não que Nietzsche seja contra a mistura racial. Ele investe aqui contra a "mistura insensata" de classes e raças. Como veremos em breve, ele acredita que seria possível fazer um trabalho melhor misturando e produzindo uma nova geração de europeus.

O Anticristo também une raça e religião, a fim de vincular o Cristianismo à degeneração racial (AC 44). Não há nada de acidental na corrupção representada pelos Evangelhos Cristãos, de acordo com Nietzsche. Esta corrupção não é o resultado de um indivíduo, mas sim o resultado de uma raça. O Cristianismo é o resultado de vários séculos de Judaísmo. No entanto, o Cristianismo ultrapassou em muito o Judaísmo – é três vezes mais eficaz em mentir do que o seu genitor. Por exemplo, o Cristianismo convenceu o mundo de que é uma religião que não julga, mesmo quando condena tudo que se opõe a ele a apodrecer no inferno. O Cristianismo aprendeu com o Judaísmo como convencer a maior parte da Europa a aceitar os falsos conceitos do sacerdote. Teve muito mais sucesso do que o Judaísmo em instituir mentiras, de acordo com Nietzsche, mas só teve sucesso porque o Judaísmo preparou o terreno. Os cristãos seduziram toda a Europa com a sua moralidade dissimulada. É uma religião dos fracos que se dizem bons e chamam o mundo de mau. Esta calamidade não poderia ter acontecido, segundo Nietzsche, sem a relação racial entre judeus e cristãos primitivos. Os primeiros cristãos aproveitaram a capacidade dos judeus para mentir e até a viraram contra eles – isto é, os primeiros cristãos perpetraram as mentiras de que eram bons. Enquanto os judeus outrora afirmavam ser o povo escolhido, os cristãos eram mais liberais. Já não era necessário ser judeu para ser escolhido, mas mesmo assim a dicotomia entre escolhidos e condenados continuou a ser propagada.

Para Nietzsche, a Europa em geral e a Alemanha em particular estão num período de declínio racial. Nietzsche acredita ver este declínio no patriotismo dos alemães e na democratização da Europa. A ascensão do Cristianismo e a má consciência também são atribuídos a esta degeneração racial. Por conseguinte, a solução para estes problemas é, justamente, o cultivo seletivo de uma nova raça europeia, e Nietzsche tem ideias bem definidas sobre como este cultivo deve ser feito.

[17] Em *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche escreve que a feiura tem um efeito fisiológico no ser humano: "Fisiologicamente, tudo o que é feio debilita e aflige o ser humano. Recorda-lhe declínio, perigo, impotência; faz com que realmente perca energia. Pode-se medir com um dinamômetro o efeito do que é feio" (CI IX 20).

Os projetos nietzschianos de cultivo seletivo

Em *Além do bem e do mal* § 200, Nietzsche escreve que sua época é uma época de dissolução e isso fez com que as raças se misturassem. Os indivíduos dessa época tendem a ser fracos e buscam a paz para suas almas em luta. Por outro lado, existem alguns indivíduos de raças mestiças que vivenciam essa mistura de impulsos como um incitamento à vida. Se estes indivíduos herdarem, além disso, um forte impulso para o autodomínio e artimanhas, o resultado será alguém como Alcibíades, César (a quem Nietzsche chama o primeiro europeu), Leonardo da Vinci ou Frederico II. Em outras palavras, esses quatro indivíduos pertencem a raças mestiças, mas são grandes indivíduos que controlam os muitos impulsos que sua herança mestiça lhes legou. O que os torna grandes é precisamente sua mistura e seu autodomínio. Mas a mistura nem sempre produz grandeza. Ela o faz somente quando temos a capacidade de controlar a alma mestiça. Em *Além do bem e do mal,* §224, diz-se que a mistura de raças e classes deu origem a uma alma moderna caótica, cujos instintos correm por todos os lados. As épocas e raças nobres têm paladares delicados e são reservadas, hesitantes e até indispostas quanto ao que lhes é estranho. Nietzsche se inclui entre os homens modernos menos nobres, que são semibárbaros e mais abertos – que têm "gosto e língua para tudo". Há vantagens nesta alma caótica, pois tal alma tem passagens secretas que vão em muitas direções – particularmente em direção a culturas inacabadas e em direção a toda semibarbárie. Sendo homens menos nobres, Nietzsche e seus contemporâneos podem apreciar Homero e Shakespeare. Tempos mais nobres, como a Atenas de Ésquilo, teriam rido loucamente do bardo.

Em *Além do bem e do mal,* §244, Nietzsche observa que os alemães são frequentemente chamados de "profundos". Isto é dito com uma intenção elogiosa, mas esta profundidade é, na verdade, algo distinto e que, graças a Deus (*Gott sei Dank*), pode ser eliminado. Para desmascarar a convicção de que os alemães são profundos, Nietzsche empreende uma dissecação da alma alemã. Os alemães são, escreve Nietzsche, um povo da "mais extraordinária mistura e amálgama de raças" (*ungeheuerlichsten Mischung und Zusammenführung von Rassen*). Pode até ser que os alemães tenham um predomínio de elementos pré-arianos. Os alemães são um povo (*Volk*) intermediário. Eles são mais inapreensíveis, mais amplos, desconhecidos, imprevisíveis, surpreendentes e mesmo mais apavorantes do que todos os outros povos (novamente *Volk*). Eles escapam à definição. Em suma, para Nietzsche, os alemães não são uma raça, mas uma mistura de raças[18].

[18] No *Nachlass* Nietzsche também argumenta que os alemães são uma mistura (FP 1885, 43[3]).

Portanto, os alemães são um *Volk*, uma mistura de muitas raças, uma mistura *ungeheure*. Os Judeus, pelo contrário, são a raça mais pura da Europa. Em *Além do bem e do mal,* §251, Nietzsche escreve que realmente não há alemães que sejam simpáticos aos judeus. Os alemães são um *Volk* fraco que seria facilmente eliminado por uma raça mais forte. Os Judeus, por outro lado, são a raça mais forte, mais tenaz e mais pura que vive "hoje" na Europa[19]. Os Judeus sabem como perseverar nas piores condições. Tal como os russos, os judeus mudam lentamente. Eles não têm pressa e não estão presos ao passado, mas pensando no amanhã. Aqueles que pensam sobre o futuro da Europa devem levar em consideração os russos e os judeus. Nietzsche, portanto, diferencia claramente as nações das raças – como fez desde as suas primeiras discussões sobre raça. As nações são jovens e estão em transição. Raças como os judeus são *aere perennius*" (mais duradouras que o bronze). Os Judeus poderiam conquistar a Europa, mas eles não estão empenhados nisso. Em vez disso, eles estão à procura de um lugar para chamar de lar. Os judeus estão em busca de um lugar a que possam pertencer e deixar de ser nômades.

Nietzsche aconselha os alemães mais fortes (por exemplo, o nobre oficial) a se misturarem com os judeus. Seria interessante verificar se o gênio judeu para o dinheiro e a paciência poderia ser enxertado na "arte de comandar e obedecer" possuída pelos alemães. Mas este aforismo termina com uma passagem digna de nota, que põe em questão tudo o que Nietzsche acabara de escrever.

> Mas aqui parece apropriado interromper minha alegre tagarelice germânica (*Deutschthümelei*) e meu discurso. Já começo a tocar no que é sério para mim, o "Problema Europeu" tal como o entendo, o cultivo seletivo de uma nova casta que governe a Europa (BM 251).[20]

Kaufmann traduziu *Deutschthümelei* como *Germanomania*. Talvez minha tradução como "tagarelice germânica" seja um pouco dura demais, mas *thümelei* é um diminutivo, e seu uso por Nietzsche pretende colocar em evidência

[19] Numa passagem do *Nachlass* Nietzsche chama os judeus de as raças mais antigas e mais puras, portanto, as mais belas. Trata-se do FP 1884, 25[234], onde se lê: "In Europa sind die Juden die älteste und reinste Rasse. Deshalb ist die Schönheit der Jüdin die höchste".

[20] Conservou-se aqui a dinâmica da tradução realizada pelo próprio autor no original em inglês, que é a seguinte: "But here it seems fitting to interrupt my cheerful Germanic blather (*Deutschthumelei*) and my speech. I am already beginning to touch on what is serious for me, on the "European Problem" as I understand it, on the breeding of a new caste that would rule over Europe". Na tradução de Paulo César de Souza, adotada neste artigo, lemos: "E neste ponto convém interromper meu jovial e "germaníaco" discurso: pois já começo a tocar no que é sério para mim, no "problema europeu" tal como o entendendo, no cultivo de uma nova casta que governe a Europa". A título de consulta, no original em alemão a passagem citada é: "Doch hier ziemt es sich, meine heitere Deutschthümelei und Festrede abzubrechen: denn ich rühre bereits an meinen Ernst, an das „europäische Problem", wie ich es verstehe, an die Züchtung einer neuen über Europa, regierenden Kaste".

que ele considera o que ele mesmo acabou de dizer como algo um tanto tolo[21]. É como se Nietzsche estivesse dizendo que os alemães tendem a dar uma importância excessiva aos discursos sobre raça, judeus e alemães. Assim, Nietzsche estaria preocupado com o "cultivo seletivo" de uma nova casta para o governo da Europa, mas o seu discurso sobre a mistura da "raça judaica" com a "raça" alemã é germânico demais (*Deutschthümelei*) para ser levado a sério[22].

Nietzsche usa o conceito de raça com bastante frequência, mas muitas vezes de modo que confunde as expectativas de seus leitores. Contra aqueles que exaltam a raça germânica, ele argumenta que os alemães são mestiços. Aos que alertam contra a contaminação da raça alemã, Nietzsche aconselha a mistura racial para aprimorar os alemães. Nietzsche deseja aprimorar a raça alemã por meio de uma mistura com os judeus. Para aqueles que pensam nos brancos como a raça superior, Nietzsche deprecia a "pálida raça branca" e, como veremos, ele exalta a raça que foi cultivada na Índia[23]. Ao mesmo tempo, nesta passagem, Nietzsche repete o estereótipo frequentemente ouvido de que os judeus são bons com dinheiro. Em outro lugar, Nietzsche é menos entusiasmado com a mistura

[21] Esta estratégia é comum em Nietzsche. Cf. ainda o último aforismo (296) de ABM, onde ele considera retrospectivamente o livro que escreveu e lamenta que o que antes parecia tão jovial, maldoso e cheio de espinhos e temperos secretos agora parece verdades enfadonhas.

[22] Daniel Conway interpreta esta passagem de forma um pouco diferente da minha. Ele acredita que, apesar do que escreve sobre os alemães, Nietzsche quer que a casta dominante da nova Europa seja germânica. Nietzsche vê "os alemães como os legítimos herdeiros e árbitros da cultura europeia" Cf. CONWAY, "The Great Play and Fight of Forces: Nietzsche on Race," *in Philosophers on Race: Critical Essays*, ed. Julie K. Ward and Tommy L. Lott (Oxford: Blackwell, 2002), 190. Contra Conway, eu argumentaria que Nietzsche deprecia constantemente os alemães e a Alemanha ao longo dos seus escritos tardios. Existem alguns grandes alemães, de acordo com Nietzsche. Goethe e Heine são dois sobre os quais ele quase sempre escreve com admiração, mas em geral Nietzsche acredita que a Alemanha é uma nação culturalmente empobrecida. Por exemplo, em *O Caso Wagner*, Nietzsche denuncia a falta de lógica no público alemão. Wagner não precisava de lógica em suas óperas porque escrevia para os alemães, não para os franceses. Em *Crepúsculo dos Ídolos,* na seção intitulada "O que falta aos alemães", Nietzsche afirma que os alemães têm se tornado estúpidos há mais de mil anos. Agora não existem bons livros alemães. Goethe é o último alemão que tem o respeito de Nietzsche (CI IX 51). Em *Ecce Homo,* Nietzsche afirma várias vezes que não é alemão, mas polaco e que os alemães não estão aptos a compreender o seu trabalho (EH, "Por que escrevo livros tão bons" § 2). Ele também escreve que não acredita na cultura alemã, apenas na cultura francesa (EH, Por que sou tão inteligente 3). No *Nachlass* sua crítica à cultura alemã vai ainda mais longe (FP 1888-1889, 25[14]). Embora algumas vezes ele seja menos crítico em relação aos alemães e à cultura alemã, Nietzsche parece, contudo, ser mais crítico em relação aos alemães e à cultura alemã do que a qualquer outro país ou cultura na Europa.

[23] Mas, por outro lado, Nietzsche nem sempre deprecia a branquitude. Na *Genealogia da Moral*, encontramos uma discussão sobre a raça ariana, que é, proclama Nietzsche, branca. Nietzsche argumenta contra Rudolf Virchow, a quem ele atribui a criação de um cuidadoso mapa etnográfico da Alemanha, que os povos de cabelos escuros da Alemanha não podem ser celtas. A população de cabelos escuros da Alemanha é essencialmente pré-ariana. Nietzsche argumenta ainda que as raças subjugadas estão gradualmente voltando ao primeiro plano na Europa, e pode-se ver isso com base no surgimento da coloração mais escura e de crânios mais curtos. Ele diz que é até possível que a democracia moderna, ou ainda mais provavelmente o anarquismo moderno e a inclinação para a comuna, "a forma mais primitiva de sociedade que é agora partilhada por todos os socialistas na Europa", seja um sinal de uma contraofensiva de raças pré-arianas. A raça ariana pode muito bem-estar num estado de declínio fisiológico.

com judeus, ou pelo menos com alguns judeus. Em *O Anticristo* ele escreve: "Não escolheríamos os 'primeiros cristãos' por companhia, como não escolheríamos judeus poloneses: [...] Nenhum dos dois cheira bem" (AC 46). Nietzsche pode ter escapado de alguns dos preconceitos raciais e étnicos de sua época, mas ele não escapou de todos eles.

Nietzsche despreza muitos dos projetos dos seus contemporâneos para o aprimoramento racial, mas apoia claramente a ideia de que as raças podem ser aprimoradas e ressalta a importância de fazê-lo. Nietzsche argumenta que as leis morais formuladas pelo Cristianismo para aprimorar a humanidade levaram, na verdade, à criação de uma caricatura de homem. O cristianismo transformou o homem num pecador. Ele caçou a besta loira e transformou este teutão num pecador:

> [Ele] estava numa jaula, tinham-no encerrado entre conceitos terríveis... Ali jazia ele, doente, miserável, malévolo consigo mesmo; cheio de ódio para com os impulsos à vida, cheio de suspeita de tudo o que ainda era forte e feliz. Em suma, um "cristão" (CI VII 2).

Os juízos morais nunca devem ser interpretados literalmente. Tomados ao pé da letra eles parecem ser meros contrassensos. Mas quando vistos como semiótica, os juízos morais são inestimáveis porque revelam muito sobre uma cultura. Normalmente, aqueles que falam em melhorar a humanidade estão na verdade empenhados em pegar os homens que são bestas e torná-los mais fracos. Na Idade Média, a igreja capturou a "besta loira" (o próprio Nietzsche coloca o termo entre aspas) e a aprimorou no nobre alemão. Nietzsche afirma que tal melhoria é na verdade um aborto espontâneo. A igreja transformou a besta loira em pecador. Em suma, a igreja a transformou em cristão. Ecoando a passagem que já discutimos na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche escreve que o Cristianismo enfraqueceu os cristãos; fez com que odiassem os impulsos da vida e desconfiassem de tudo que é forte e feliz.

Como exemplo de cultivo seletivo de raças bem-sucedido, Nietzsche cita as *Leis de Manu*. Na verdade, a compreensão de Nietzsche das *Leis de Manu* não vem de uma edição oficial dessa obra, mas de uma versão truncada encontrada em *Les législateurs religieux, Manou, Moïse, Mahomet* publicado por Louis Jacolliot. Nietzsche fica impressionado com o fato desta religião ter se dado a tarefa de cultivar quatro raças ao mesmo tempo: uma raça guerreira, uma raça sacerdotal, uma raça de comerciantes e fazendeiros, e uma raça de servos. Nietzsche afirma que o tipo humano que produziu estas quatro raças é cem vezes mais brando e mais razoável do que os domesticadores de animais que produziram os cristãos. Mas o tipo de cultivo seletivo prescrito pelo *Manu* de Jacolliot era terrível mesmo para os padrões de Nietzsche. Os Chandalas (os

intocáveis) só podem comer vegetais impuros – cebola e alho. Eles podem beber água apenas nas proximidades dos pântanos e água que se acumula nos buracos feitos pelas pegadas dos animais. Eles não podem lavar a si mesmos ou suas roupas. Eles podem usar apenas trapos retirados de cadáveres, usar apenas pratos quebrados, usar apenas joias de ferro e adorar apenas espíritos malignos. Dizia-se que os Chandalas eram resultado de adultério e incesto. As mulheres Sudra também não tinham permissão para ajudar as mulheres Chandala no parto. Os resultados dessas leis foram epidemias assassinas, terríveis doenças sexualmente transmissíveis, circuncisão para meninos e remoção dos lábios internos para meninas. Esses regulamentos, Nietzsche nos diz, nos ensinam o que é ser ariano. Eles nos ensinam o que é uma forma nobre de cultivo seletivo[24]. Além disso, ele diz que tais medidas eram necessárias por serem a única maneira de tornar os Chandalas inofensivos. Nietzsche escreve frequentemente que os "homens superiores" correm o risco de serem oprimidos pelos homens "inferiores"[25].

O Cristianismo representa, para Nietzsche, o oposto das *Leis de Manu*. O Cristianismo é um movimento oposto à moralidade do cultivo seletivo representada por essas leis. O Cristianismo é a "religião antiariana *par excellence* [por excelência]" e representa o triunfo dos valores Chandala (CI VII 4)[26]. Gerd Schank argumenta que nestas passagens de *Crepúsculo dos Ídolos* Nietzsche escreve sobre o cultivo biológico seletivo de uma nova raça, mas que ele rejeita totalmente um tal projeto. Este projeto, escreve Schank, é o modo errado de elevar a humanidade (SCHANK, 2000, p. 346). Schank argumenta que, para Nietzsche, a elevação da humanidade acontece dentro da alma de cada indivíduo; este por sua vez não eleva a humanidade por meio da obtenção de poder sobre os outros (SCHANK, 2000, p. 346). É sem dúvida verdade que Nietzsche com frequência elogia aqueles que têm uma alma multifacetada, mas ele também, às vezes, afirma claramente que o domínio sobre os outros é essencial para os indivíduos superiores. Nietzsche agrupou as *Leis de Manu* junto

[24] Das prescrições para os Chandalas citadas por Nietzsche, as únicas que são realmente encontradas nas *Leis de Manu* são que suas roupas sejam tiradas do pano funerário dos mortos, que comam de pratos quebrados, que suas joias sejam feitas de ferro, e que eles vagueiem indefinidamente (Cf. ETTER, 1987, pp. 340-352).

[25] Barbara Stiegler argumenta de forma convincente que Nietzsche nem sempre reconhece a tensão no seu pensamento entre a política da saúde e a política da grandeza. Aqueles que Nietzsche considera grandes são frequentemente vulneráveis aos homens inferiores. Aqui, por exemplo, os Chandalas constituem uma ameaça aos Sudras. Na *Genealogia da moral*, os sacerdotes, através de seus métodos dissimulados, são capazes de derrotar os arianos (Cf. STIEGLER, 2001, p. 121).

[26] Em outro lugar no *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche fornece uma imagem muito diferente dos Chandalas. Na seção 45 de "Incursões de um extemporâneo", Nietzsche escreve que quase todos aqueles que são respeitados hoje – o cientista, o artista, o gênio, o espírito livre, o ator, o comerciante e o grande descobridor – já foram párias. Todos os inovadores foram, em algum momento, considerados Chandalas – eles se rotulam como tal porque, como gênios, sentem a notável distância que os separa de tudo o que é considerado normal.

com as outras moralidades. Tal como o Cristianismo e a filosofia platônica, estas leis são tentativas de aprimorar a humanidade e se baseiam em mentiras, mas é atribuído às *Leis de Manu* a criação dos arianos, e ao Cristianismo o seu oposto. O Cristianismo é uma "religião antiariana e representa o triunfo dos valores Chandala". Em *O Anticristo*, Nietzsche reforça a noção de que o Cristianismo e Manu são opostos e chama as *Leis de Manu* de uma "obra inigualavelmente espiritual e superior" (AC 56). Nietzsche admira como as *Leis de Manu* prescrevem um caminho para as classes nobres, isto é, os filósofos e os nobres, ficarem acima das massas. Estas são leis que Nietzsche caracteriza como afirmadoras da vida, ao que eu acrescentaria que, sim, é bem possível que sejam afirmadoras da vida para alguns, mas certamente não para aqueles que bebem a água suja e morrem no parto e nas epidemias. Enquanto o Cristianismo manifesta a sua mesquinhez ao depreciar as mulheres, Nietzsche acredita que as *Leis de Manu* tratam as mulheres com amor, respeito e confiança[27]. Isto pode ser verdade para as mulheres da classe alta, mas permitir que as mulheres Chandala morram no parto é algo que dificilmente seria chamado de amor. Em comparação com as *Leis de Manu*, o Cristianismo parece desprezível aos olhos de Nietzsche.

Portanto, contra Schank, sustento que Nietzsche é claramente elogioso em relação ao que considera as práticas de cultivo seletivo prescritas pelas *Leis de Manu*. Mas, ao mesmo tempo, Nietzsche hesita claramente entre os termos cultivo racial e cultivo de classe. O elogio a um sistema de leis que cria classes inferiores e depois as trata de forma tão cruel que elas morrem em meio a epidemias é de difícil compreensão, mas esse elogio é consistente com o elogio de Nietzsche à escravidão. Nietzsche acredita claramente na diferenciação de classes. Em *Além do bem e do mal* § 258, Nietzsche escreve que "o essencial para uma 'aristocracia boa e sã' é que ela acredite ser o significado e a razão mais elevada de sua sociedade". É por isso que ela está disposta a sacrificar, com boa consciência, um número enorme de pessoas à escravidão.

> O essencial numa aristocracia boa e sã, porém, é que não se sinta como função (quer da realeza, quer da comunidade), mas como seu sentido e suprema justificativa – que portanto aceite com boa consciência o sacrifício de inúmeros homens que, por sua causa, devem ser oprimidos e reduzidos a seres incompletos, escravos, instrumentos (BM 258).

Que no início da Revolução alguns dos membros da aristocracia francesa tenham abandonado os seus privilégios e sido vítimas da dissolução da sua

[27] Em uma carta a Köselitz, datada de 31 de maio de 1888, Nietzsche diz ter encontrado uma cópia das *Leis de Manu* em tradução francesa. Nesta carta ele se refere à obra como o "produto ariano absoluto". É um código de moral sacerdotal que não é pessimista.

moral foi um sinal de sua fraqueza. Uma aristocracia saudável insiste nos seus privilégios. A razão de ser da sociedade não é o maior bem para o maior número. Como vimos, desde seus primeiros escritos Nietzsche sustentava que a sociedade deveria funcionar como um suporte para que os indivíduos nobres pudessem exercer seus deveres superiores. Segundo Nietzsche, as raças devem ser cultivadas para cumprir esta missão[28].

Os escritos tardios de Nietzsche estão repletos de conselhos sobre como cultivar seletivamente raças superiores. Ao mesmo tempo que Nietzsche despreza as teorias tradicionais de aprimoramento, ele oferece as suas próprias teorias de como aprimorar uma raça. Como sugerido no elogio às *Leis de Manu*, Nietzsche escreve algumas páginas depois (numa passagem que já citei), no *Crepúsculo dos Ídolos,* que a beleza de uma raça ou de uma família não é um acidente, mas antes o resultado do trabalho cuidadoso de gerações (CI IX 47). Para criar beleza é preciso fazer sacrifícios – é preciso usar o bom gosto para selecionar rigorosamente a companhia e os parceiros sexuais. É preciso se policiar para produzir beleza e evitar hábitos, opiniões e inércia. Nietzsche observa que Cícero ficou surpreso com o fato de os homens e garotos de Atenas serem muito mais bonitos do que as mulheres. Sua beleza não foi acidental, segundo Nietzsche, mas o resultado do esforço que os homens despenderam, ao longo dos séculos, para cultivar a beleza em si mesmos. A cultura começa, argumenta Nietzsche, no corpo; em outras palavras, é preciso controlar rigorosamente os gestos, a dieta e a fisiologia. Quando se cultiva o corpo como os gregos faziam, produz-se uma cultura incalculavelmente mais elevada do que ocorre no cristianismo, que despreza o corpo.

Nietzsche alega que saber algo sobre os pais permite fazer inferências sobre os filhos (BM 264). Os plebeus possuem três características inconfundíveis: a incontinência repulsiva, a inveja e a insistência em estar sempre com a razão. Mesmo com a melhor educação, eles nunca se livrarão dessas características. Nietzsche escreve que as crianças inevitavelmente terão as qualidades e preferências dos seus pais e dos seus antepassados, e que este é "o problema da raça". Hoje a educação e a cultura tornaram-se principalmente uma forma de enganar sobre as origens plebeias do corpo e da alma (BM 264). Schank argumenta que Nietzsche usa a palavra cultivo seletivo (breeding) em um sentido mais antigo, mais ou menos análogo a "educar" (SCHANK, 2000, pp.335-403). Eu concordaria que algumas vezes esse é o caso, mas neste aforismo de *Além do bem e do mal* Nietzsche contrasta especificamente a educação e o cultivo seletivo e sustenta que há limites para a educação. Ele argumenta que a educação não pode superar a hereditariedade. Seguir o exemplo

[28] No *Nachlass* Nietzsche argumenta que as raças decadentes (*verfallenden*) devem ser aniquiladas (FP 1884, 25[211]).

dos gregos e as *Leis de Manu* e selecionar rigorosamente os parceiros de reprodução parece ser a única forma de construir uma classe superior saudável. Além disso, em *Ecce Homo* Nietzsche escreve que "não se ocupou de nada exceto de fisiologia, medicina e ciências naturais" (EH, Humano, demasiado humano 3). Kaufmann, em uma nota de rodapé à sua tradução, escreve que existem duas maneiras de ler a frase alemã *nichts mehr getrieben*. Poderia ser entendida como significando que Nietzsche não estudou nada exceto estas três disciplinas, ou poderia significar, como ele traduz, que Nietzsche não estudou nada tão intensamente como estudou estas disciplinas. Kaufmann rejeita a primeira leitura porque é biograficamente falsa (*in* NIETZSCHE, 1969, p. 286, n.1). Mas muito do que Nietzsche escreve sobre si mesmo é biograficamente falso. Na verdade, Barbara Stiegler mostrou que mesmo que a afirmação seja um exagero, Nietzsche gastou muito tempo estudando a biologia de sua época (STIEGLER, 2001, p.7). O que torna a afirmação interessante, em qualquer uma de suas interpretações, é que ela reitera a alegação de Nietzsche de que a fisiologia é a chave para sua filosofia, pois se a fisiologia é importante, então é evidente que a raça também tem um papel importante a desempenhar. Mesmo que Nietzsche não tenha sido capaz de converter a filosofia em fisiologia, é certo que ele frequentemente identificou esse propósito como seu objetivo principal.

No *Nachlass*, Nietzsche às vezes deprecia a noção de raça. Num fragmento escrito na primavera ou verão de 1888, Nietzsche caracteriza a raça, juntamente com termos como liberdade, *das Volk* [o povo], democracia, tolerância, utilitarismo, *Weiber-Emancipation* [emancipação das mulheres], progresso e várias outras noções como um dos falsos ideais modernos (FP 1888, 16[82]). No entanto, nos seus escritos publicados Nietzsche vê muitos dos problemas da Europa como problemas raciais. Ele defende de forma inequívoca que muitos dos problemas que os alemães enfrentam são problemas raciais. A proliferação do cristianismo, da democracia, da mentalidade de rebanho e da má consciência é um sinal de degeneração racial. As soluções de Nietzsche para estes problemas são soluções raciais. Ele endossa claramente o cultivo seletivo de raças – ou classes. Ele tem perfilamentos raciais bem desenvolvidos. Gregos e alemães são mestiços. Os judeus são uma raça pura e, portanto, mais forte que os alemães. Ele não endossa a pureza racial, mas argumenta que a composição racial tem uma grande influência no espírito de uma pessoa. A mistura de raças, há muito separadas, gera ceticismo. A mistura de raças e classes conduziu à caótica alma moderna, cujos instintos correm soltos. O cultivo seletivo de uma nova raça europeia é discutido de forma reiterada. Embora no meio de uma longa passagem que trata do cultivo seletivo desta raça Nietzsche pareça questionar o seu próprio projeto, sugerindo que seu discurso sobre esse tópico teria enveredado pelo falatório (blather) germânico (*Deutschthümelei*), as referências

a ele são demasiado numerosas para serem ignoradas. Nietzsche tem um projeto racial. Ele quer "cultivar uma nova casta para governar a Europa" (BM 251). Mas esta casta não seria a casta que Hitler imaginou. Seria uma raça mista que incluiria os judeus. Não obstante, esta seria uma casta ou uma raça convicta de ser a *raison d'être* da sua sociedade e que, portanto, em sã consciência, sacrificaria à escravidão a casta ou raça inferior, como aconselhavam as *Leis de Manu*.

Nietzsche é racista? Algumas vezes ele claramente é. Não há dúvida de que ele eventualmente emprega o que hoje reconhecemos como estereótipos raciais, como o estereótipo de que os africanos são mais capazes de suportar a dor e os judeus são bons com dinheiro. Mas mesmo quando usa estes estereótipos, ele muitas vezes parece elogiar os judeus e africanos. Por vezes Nietzsche tem um vislumbre daquilo que, para nós contemporâneos, é o caráter problemático no conceito de raça. Ao afirmar que o seu próprio discurso sobre raça começa a soar como falatório germânico ou que raça é um falso ideal moderno, ele nos dá uma indicação clara de que compartilha algo do ceticismo moderno sobre o conceito mesmo de raça.

Referências bibliográficas

BERNASCONI, Robert. "Who Invented the Concept of Race? Kant's Role in the Enlightenment Construction of Race", in: BERNASCONI, Robert (ed.). **Race**. Malden: Blackwell, 2001.

ETTER. Annemarie. "Nietzsche und das Gesetzbuch des Manu", **Nietzsche-Studien,** v. 16, 1987.

FREDRICKSON, George M. **Racism: A Short History**. Princeton: Princeton University Press, 2002.

KANT, Immanuel. "Of the Different Human Races", in: BERNASCONI, Robert & LOTT, Tommy L. (ed.). **The Idea of Race**. Hackett: Indianápolis, 2000.

KANT, Immanuel. "Das diferentes Raças Humanas", *Kant e-Prints. Campinas*, Série 2, v. 5, n. 5, 2010.

KLEIN, Wayne. **Nietzsche and the Promise of Philosophy.** Albany: State University of New York Press, 1997.

MAGNUS, Bernd Magnus. "The Uses and Abuses o f The Will to Power", in: SOLOMON, Robert C. & HIGGENS, Kathleen (ed.). **Reading Nietzsche**, New York: Oxford University Press, 1988.

MONTINARI, Mazzino. **Nietzsche Lesen.** Berlim: De Gruyter, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke Kritische Studienausgabe**. 15 Bänden, ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich. **The Basic Writings of Nietzsche**. Ed. and trans. Walter Kaufmann. Nova York: Random House, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **On the Genealogy of Morals & Ecce Homo**. Trans. Walter Kaufmann. New York: Vintage Books, 1969.

NIETZSCHE, Friedrich. **Twilight of the Idols.** Trans. Richard Polk. Indianapolis: Hackett, 1997.

PRESTON, William. "Nietzsche on Blacks", in: GORDON, Louis (ed.). **Existence in Black: An Anthology of Black Existential Philosophy**. New York: Roudedge, 1997.

SCHANK. Gerd. **Rasse und Züchtung bei Nietzsche**. Berlin: De Gruyter, 2000.

SCOTT, Jacqueline. "On the Use and Abuse of Race in Philosophy: Nietzsche, Judeus, and Race", in: BERNASCONI, Robert & COOK, Sybol (ed.). **Race and Racism. in Continental Philosophy.** Bloomington: Indiana University Press, 2003.

STIEGLER, Barbara. **Nietzsche et la biologie**. Paris: Presses Univeritaires de France, 2001.

WINCHESTER, James. **Nietzsche's Aesthetic turn: Reading Nietzsche after Heidegger, Deleuze, and Derrida.** Albany: State University of New York Press, 1994.